



TEXTO À DENTO: A REVISÃO COMO LUGAR DE APRENDÊNCIAS

Carlos César de Oliveira¹, Café com Paulo Freire PUC Rio/RJ e revisor da Revista

Desde que enveredei pela revisão textual, no segundo semestre de 2018², tenho procurado desenvolver uma prática que seja capaz de dialogar com os autores e as autoras que procuram o meu trabalho. Inspirando-me em Bakhtin³ (1988), ousou afirmar que a revisão é um lugar de encontro com a “palavra alheia”, por isso exige humildade, respeito e compromisso com a autoria e com o texto. Por isso, penso-a muito além de um “olhar mecânico”, corretivo, mas um “olhar implicado”, de um leitor interessado pelo texto e solidário com o exercício da autoria.

Revisitando aquela primavera de 2018, naquele contexto inicial – e em formação – inspirado pelos estudos em Paulo Freire, pautei-me na categoria “diálogo”, compreendendo que pelo diálogo o/a autor/a e revisor aprendem juntos/as, à medida que este último lê e re-ler, apresentando o seu olhar sobre o texto. E o/a autor/a, por sua vez, recebe o texto revisado e analisa as proposições/sugestões deste olhar alheio, distanciando do texto.

Seria, então, a revisão e a autoria um exercício prático? Suponho que sim, pois resulta em um processo de ação-reflexão-ação (FREIRE, 1996; 1997) de/entre sujeitos, a partir da escrita, isto é, da “sistematização”⁴ (JARA, 2021) que se dá na produção do texto: seja resultado de uma experiência (relato) ou de uma pesquisa (que em si, já é uma experiência mais sistematizada, em função da sua questão, dos objetivos, procedimentos metodológicos e análise), ao produzir o texto estamos refletindo, re-pensando, sistematizando as ideias e produzindo conhecimentos.

¹ Doutorando em Educação pela PUC Rio, Poeta e Educador Popular. Bolsista CAPES/PROEX desde agosto de 2021. Mestre em Educação pela FFP/UERJ. Graduado em Letras pela URCA-CE. Participa, atualmente, de alguns grupos de estudos em Paulo Freire: Café com Paulo Freire PUC Rio, Café com Paulo Freire – GO, Cirandas Freireanas (Instituto D. José Mauro – Iguatu, CE), Grupo de Estudos Formação de Professores, Currículo e Cotidiano Escolar (GEFOCC) PUC Rio. Colaboro, ainda, na revisão Revista Café Paulo Freire e como Editor Executivo da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE). E-mail: carlosoliveira.prof@gmail.com

² Cursando o segundo período do Mestrado em Educação, no decorrer da disciplina Seminário de Pesquisa realizamos uma atividade de analisar o projeto de um/a colega. A partir disso, a Prof.^a Dr.^a Rosimeri de Oliveira Dias (*A quem dedico este texto*), uma das professoras da disciplina, estimulou-me a trabalhar como revisor. Na ocasião, ela também me convidou para colaborar com a Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE), onde desde 2018 colaboro como Editor Executivo, e também já realizei alguns trabalhos de revisão. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae>

³ BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

⁴ JARA, Oscar. Para sistematizar experiências. **Revista Café Paulo Freire**. v. 1, n. 1, 2021.



Inspirando no livro *Pedagogia da autonomia*⁵ (1996), fico pensando nos saberes necessários ao exercício de um revisor. Ao mesmo tempo, inspiro em Horton e Freire⁶ (2011) que é um caminho que se faz caminhando, pois a cada revisão me formo: daí as aprendizagens, a formação. Há dois anos colaborando com a Revista do Café Paulo Freire, afirmo que o trabalho de revisor tem contribuído para me formar professor-pesquisador-revisor freireano.

Seria a revisão uma “Ciranda”? (OLIVEIRA, 2020⁷; 2021⁸) Metaforicamente sim, pois é um exercício de olhar para o/a autor/a, de unir-se a ele/a a partir da escrita. É um dar as mãos, um quefazer solidário, posto que na posição de revisor-leitor eu entro texto à dentro abrindo janelas⁹ que são espaços dialógicos (indagação e sugestão). Parafraseando Freire (1996), afirmo que revisar exige humildade, pensando no seu papel formativo, e exige um “compromisso ético e estético” com a “escrita alheia”, recorrendo novamente a Bakhtin (1988).

Abro um parêntese para expressar o meu interesse por esses dois autores (aproximações e distanciamentos), inclusive já expressa por meio de um ensaio escrito no final de uma disciplina (doutorado) sobre Bakhtin, ofertada pela Prof.^a Dr.^a Sonia Kramer, no 1º semestre de 2021, intitulado “A importância do “ato” de ler em Paulo Freire e Bakhtin”. A partir do diálogo com a referida professora, das proposições apresentadas, o mesmo foi apresentado em um evento e publicado num *e-book*, no ano de 2021¹⁰.

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁶ HORTON, Myles; FREIRE, Paulo. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social: organizado por BELL, Brenda; GAVENTA, John; PETERS, John; tradução de JOSCELINE, Vera; notas de ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

⁷ OLIVEIRA, Carlos César de. **Pastoral da Juventude do Meio Popular “cirandando” em formação**: aproximações entre a pedagogia pastoral e a pedagogia libertadora. 2020. 251f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: https://ppgedu.org/uploads/dissertacoes/2020/carlos_cesar_de_oliveira.pdf

⁸ OLIVEIRA, Carlos César de. Cirandas Juvenis: encontros e aproximações entre a formação pastoral e o pensamento freireano. In: FONTOURA, Helena Amaral da; TAVARES, Maria Tereza Goudard; LEITE, Vânia Finholdt Angelo (Organizadoras). **Diálogos com Paulo Freire - 100 anos**: reflexões freirianas em tempos de (pós) pandemia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : NAU Editora, 2021, p. 65-79.

⁹ Refiro-me às janelas, aos comentários que vou fazendo – à minha conversa com o/a autor/a no decorrer do texto, a partir do menu Revisão – Novo Comentário. Além disso, o recurso “Controlar Alterações” permite que o/a autor/a acompanhe/visualize o meu diálogo com o texto.

¹⁰ OLIVEIRA, Carlos César de. A importância do “ato” de ler em Paulo Freire e Bakhtin. In: **Seminário Processos Formativos e Desigualdades Sociais** (5: 2021: Rio de Janeiro). Trabalhos apresentados. Niterói: Intertexto, 2021. p. 356-63.



Face a isso, ressalto que “Não é possível reduzir o ato de escrever a um exercício mecânico. O ato de escrever é mais complexo e mais demandante do que o de pensar sem escrever”¹¹ (FREIRE, 1997, p. 8). O ato de escrever, e sua boniteza, a meu ver implica o “compromisso ético e estético” que Freire (1996) fala ao tratar do ato de ensinar. Dito isso, reitero que o ato de escrever requer rigor, não no sentido de rigidez mecânica, mas no sentido de compromisso com o/a leitor/a, e com o seu “ato” de ler. Por isso, a escrita também é um “ato” de pensar-planejar-organizar, compromissada com quem lerá o texto.

Partindo dessa premissa, defendo que a leitura por pares, o olhar distanciado e colaborativo sempre pode ajudar. Trocando em miúdos, significa pedir que outras pessoas (pelo menos duas) possam ler e opinar sobre o texto, daí a questão da humildade. Ocorre que às vezes o saber torna as pessoas pretensiosas, arrogantes, ou como diz Freire em *Professora sim, tia não* (1997), metidas a “sabichonas”, o que dificulta o diálogo.

O que eu quero dizer com isso, é que o exercício de pedir para que uma ou mais pessoas leiam o texto (antes da submissão), contribui muito para o processo da escrita e é extremamente formativo, a exemplo da experiência vivenciada no mestrado em educação, citada no início do texto e descrita de forma mais detalhada na segunda nota de rodapé. Trago este fato, para ressaltar a função da nota de rodapé no sentido de situar o/a leitor/a sobre um fato considerado importante (um conceito, uma referência, contextualizar/descrever uma fotografia, etc).

Nesse sentido, o exercício da autoria implica ficarmos atentos para: o que escrever? Onde publicar? Quais as políticas quanto à forma (normas) e quanto ao conteúdo (conceitos)? Em qual o gênero textual a minha escrita se enquadra – relato de experiência, artigo, ensaio, carta, outras linguagens? Qual será o canal onde o texto será publicado?

Em suma, ao escrever é imprescindível que observemos os elementos da comunicação: o/a autor/a é o emissor/a; o/a leitor/a é o/a receptor/a; o periódico, a editora ou site é o canal onde o texto será publicado; o contexto diz respeito ao tema que o texto está se propondo a discutir; as notas de rodapé, as referências e as legendas (mencionada anteriormente) remetem ao código, assumindo uma função

¹¹ FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.



metalinguística dentro do próprio texto, trazendo informações que são de extrema importância para o/a leitor/a.

Assim, ao submetermos um texto, ou mesmo quando sua publicação resulta de um convite (livros organizados; às vezes em dossiês especiais) é sempre importante observar se é uma “seção temática” ou “artigo de fluxo contínuo”. Caso seja uma seção temática, o primeiro passo para a submissão é que o texto dialogue com o tema abordado naquela edição. O segundo, atentar para as políticas ou normas de publicação. Um outro caminho que considero bastante formativo é ler textos publicados na revista (quando se trata de capítulo de livro as normas vêm direto da editora), pois eles podem ajudar a ver a formatação do título, do resumo, palavras-chave, desenvolvimento do texto (conceitos, metodologia, análise) e, sobretudo, as referências bibliográficas. Em geral elas são palco de muitos equívocos por parte de autores/as.

Destaco, ainda, que realizar leituras do periódico (revista), além de contribuir para compreender o formato (margens, recuo dos parágrafos, espaçamento, citações, organização das referências, número de páginas), pode contribuir para ampliar o referencial bibliográfico. Isso tudo é aprendizagem, é formação. A minha posição é que trazer referências do canal onde publicamos é uma forma de valorizá-lo, pois a divulgação do mesmo, o alcance a mais leitores/as, pode contribuir para enaltecer a nossa escrita.

Encerro este diálogo convicto de que o trabalho de revisão contribui para que o/a autor/a veja aspectos do texto que passaram despercebidos. Lembro, portanto, que escrever é um ato de pensar, refletir, organizar, sistematizar (...) Ao escrever, continuo a pensar e a repensar o já pensado, o já escrito (FREIRE, 1997). Nesse sentido, a re-visão, a re-leitura é um ato de aprendizagem: um ato de ler-escrever-sistematizar-refletir-revisar-aprender, voltado sempre para o diálogo com o/a leitor/a ao publicar. Enquanto leitor-revisor ou revisor-leitor eu sigo com as minhas (outras) leituras, dialogando com as palavras alheias, que chegam a mim através dos/as autores/autoras.

E por falar em diálogo, para finalizar recorro às minhas recentes andarilhagens com bell hooks¹². Tomo emprestado as palavras a autora (2021, p. 93) para afirmar –

¹² hooks, bell. Ensino 4: educação democrática. In: hooks, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021, p. 88-100.



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

ético-estético e politicamente – que “o diálogo é um espaço central da pedagogia para o educador democrático” e, quiçá, para o/a escritor/a democrático/a. Segundo hooks, (2021, p. 93) “conversar para compartilhar informações e trocar ideias” faz parte desta prática que resulta na partilha dos conhecimentos e, conseqüentemente, em aprendizado.

Por tudo isso, freirianamente, considero que a revisão pode ser um espaço de diálogo e troca de saberes, isto é, um espaço de aprendizagens. E com Horton e Freire (2011), concluo: “o caminho se faz caminhando”, do mesmo modo, o texto se faz lendo-escrevendo/lendo-reescrevendo.

Aprendamos... coletivamente e solidariamente.